
Ethiká: A Vida do Sábio Epicurista

Mauro Juarez Sebastião dos Reis ARAUJO¹

Resumo

O objetivo do presente artigo é analisar a vida do sábio epicurista através da apresentação da *Ethiká* do Jardim. Dividiremos nossa análise em três etapas. Na primeira etapa, analisaremos o significado do termo *prazer*, em seguida, discutiremos a hierarquia dos desejos criada por Epicuro e finalmente, veremos como o sábio coloca em prática os ensinamentos do Jardim.

Palavras-Chave: Epicuro, *Ethiká*, *Hedoné*, *Logismós*, *Ataraxía*.

Ethiká: Life sage epicurean

Abstract

The aim of this article is life had analyzed the Epicurean wise by presenting Ethika Garden. Divide our analysis into three stages. In the first stage, we will examine the meaning of the term pleasure, then discuss the hierarchy of desires created by Epicurus and finally we will see how the wise man puts into practice the teachings of the Garden.

Key Words: Epicurus, *Ethiká*, *Hedoné*, *Logismós*, *Ataraxía*.

¹ Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: mauro_juarez88@yahoo.com.br

Introdução

A *Ēthiká* epicurista, de modo geral, representa a vida pautada na autossuficiência e no hedonismo racionalizado. Porém, antes de convidá-los a adentrar os portões do Jardim, é preciso entender o significado do termo *ēthiká* e analisar de que maneira a *Ēthiká* epicurista se distancia das demais doutrinas do seu tempo.

Comumente, a palavra *ēthiká*, que tem sua origem no termo grego *ēthos*, é traduzida por *costume* ou *hábito*, porém, seu significado está diretamente atrelado à busca para se encontrar o melhor modo de viver, isto é, pelo bem viver. Para os gregos, de modo geral, à busca pelo melhor modo de viver estava relacionada ao exercício da virtude e da justiça na vida pública. O sábio, enquanto conhecedor da verdade, deveria se envolver nos negócios da *pólis*, pois o bom ordenamento da cidade estado influenciaria diretamente no bem viver de seus cidadãos.

Nos epicuristas, encontramos também essa busca pela *felicidade*, mas com traços completamente diferentes. Em primeiro lugar, para Epicuro, a *felicidade* é compreendida por uma perspectiva hedonista, isto é, como um *prazer* (o *bem supremo*). Em segundo lugar, este *bem supremo* (a *felicidade*) não é buscado de modo aleatório ou ávido por qualquer *prazer*, mas através de um cálculo dos desejos. Em terceiro lugar, podemos destacar a ausência de uma intervenção na vida da *pólis*. Antes que surjam interpretações precipitadas sobre a *Ēthiká* do Jardim, dividiremos nossa análise em três etapas. Na primeira etapa, analisaremos o significado do termo *prazer* para os epicuristas, em seguida, na segunda etapa, discutiremos a hierarquia dos desejos criada por Epicuro e finalmente, na terceira etapa, veremos como o sábio coloca em prática os ensinamentos do Jardim.

O Prazer

As discussões acerca do *prazer* (*hedonê*) já estavam presentes no ceio da filosofia muito antes da fundação do Jardim, o que leva muitas pessoas a associarem a interpretação de *prazer* cunhada por Epicuro com as concepções da escola filosófica fundada por Aristipo de Cirene², uma vez que Aristipo já concebia o *prazer* como o *bem*

²Um dos discípulos de Sócrates. Para mais informações sobre a biografia de Aristipo e seus discípulos, ver: D.L. II, 65-104.

supremo. Sendo assim, apresentaremos a filosofia cirenaica antes de analisarmos o significado de *prazer* para os epicuristas.

De acordo com Aristipo, todo *prazer* possui a mesma qualidade, independente de sua origem, e por isso deve ser tratado como o bem e o *fim supremo*. A melhor prova dessa teoria está no fato de desde a nossa infância desejarmos o *prazer* e nos afastarmos da *dor*. Mas vale ressaltar sua relação específica com a "eliminação de uma *dor*". A eliminação das *dores* não pode ser considerada como um tipo *prazer* (como em Epicuro é denominado de *prazer estático*, o que veremos à frente), mas sim um estágio intermediário, pois o *prazer* e a *dor* são os dois tipos de movimento que afetam nossa alma, enquanto a *dor* é um movimento brusco, o *prazer* é suave.

Os cirenaicos estabelecem uma diferença entre o *fim supremo* (o *prazer*) e a *felicidade*. Para eles, o *prazer* é um fenômeno isolado, ao passo que a *felicidade* é a soma de todos os *prazeres*. Naturalmente, após esta apresentação, os amantes da filosofia que ainda desconhecem a doutrina de Aristipo costumam proferir a seguinte indagação; se a *felicidade* é a soma de todos os *prazeres*, por que esta não é tratada como o *fim supremo*? Em um dos comentários feitos por Laércio sobre os cirenaicos, encontramos uma possível resposta: "O *prazer* isolado é desejável por si mesmo, ao passo que a *felicidade* é desejável não por sua própria causa, e sim por causa dos *prazeres* isolados³". Todo homem, por natureza, deseja obter o maior número de *prazeres*, o que torna a *felicidade* uma mera consequência da busca pelo *fim supremo*, o *prazer*. Passaremos agora para análise do significado do termo *prazer* em Epicuro, ressaltando os momentos em que ele se distancia de Aristipo.

No início de nossa análise da *Ethiká* do Jardim, adiantamos que para Epicuro a *felicidade* é um *prazer*, ou melhor, "[...] o *prazer* é o princípio e o fim da vida feliz. O *prazer* é nosso bem primordial e congênito.⁴". Epicuro, assim como Aristipo, compreende a *ethiká* sobre um ponto de vista hedonista, mas de um modo completamente diferente.

³ D.L. II, 88.

⁴ *Ibid.* X, 128-129.

Primeiramente, é importante ressaltar que o mestre do Jardim também admite o *prazer* como o *bem supremo*. Contudo, este *prazer* é associado com a supressão de nossas necessidades físicas:

Uma dieta simples proporciona um prazer análogo ao de uma mesa suntuosa, desde que se elimine o sofrimento provocado pela necessidade; e pão e água proporcionam o prazer supremo quando levados a uma boca faminta. O hábito de alimentar-se com simplicidade, e não suntuosamente, não só garante a boa saúde e faz com que o homem enfrente sem hesitação as inevitáveis necessidades da vida, mas ainda o predispõe melhor a apreciar as mesas suntuosas que lhe oferecem às vezes, e o torna destemeroso diante da sorte.⁵

Para Epicuro, o *prazer* que uma dieta simples proporciona é resultado de sua capacidade de suprimir nossas necessidades básicas, nos garantir uma boa saúde e nos torna menos vulneráveis as inevitáveis necessidades da vida. Pois, uma vez saciados os desejos naturais e necessários, futuros movimentos em nossa alma no máximo provocarão uma variação no *prazer* que já estamos sentindo. Neste trecho, vemos que o verdadeiro sentido do *prazer* é a manutenção do equilíbrio em nosso corpo (*sarkós*), a carência e o excesso são entendidos como causadores de doenças, isto é, *dores*.

Na *Physiología* (estudo sobre a *Natureza*), Epicuro apresenta o corpo como uma estrutura orgânica formada por *átomos* e *vazio*. Esta estrutura, devido aos constantes *choques* atômicos, perde diariamente parte das substâncias que a compõem, o que torna necessário a busca por uma reposição equilibrada com o intuito de evitar seu enfraquecimento. Através desta argumentação, torna-se ainda mais compreensível que para Epicuro, o *prazer* representa a supressão de nossas necessidades, ao invés da busca pelo maior número de *prazeres* isolados. O trecho a seguir corrobora para essa nossa afirmação:

[...] quando dizemos que o prazer é a realização suprema da felicidade, não pretendemos relacioná-lo com a voluptuosidade dos dissolutos e com os gozos sensuais, como querer algumas pessoas por ignorância, preconceito ou má compreensão; por prazer entendemos a ausência de sofrimento no corpo e a ausência de perturbação na alma.⁶

⁵ *Ibid.*, 130-131.

⁶ D.L.X, 131.

Para Epicuro, a *felicidade* não é o acúmulo do maior número de *prazeres* isolados, nem tampouco o resultado da busca por afetos voluptuosos, como afirma Aristipo. O *prazer* que o mestre do Jardim entende como o princípio e o fim da felicidade é estático, ou melhor, negativo, pois não é nada além do que o resultado das ausências de sofrimento no corpo (*aponía*) e de perturbação na alma (*ataraxía*). Segundo Epicuro, este *prazer* negativo preserva o sábio de qualquer perturbação que possa acometê-lo, além de colocá-lo em plena harmonia com a *Natureza* (*Phýsis*), como podemos observar no comentário de Laércio: “Epicuro aduz o fato de os seres vivos imediatamente após o nascimento estarem contentes com o prazer, enquanto rebelam-se contra a dor por disposição natural, sem a intervenção da razão”. Instintivamente, todo ser vivo busca a *aponía* e a *ataraxía*. Nessa busca pelo *prazer* a memória exerce um papel importante, como podemos ver no relato de Laércio sobre a carta que Epicuro endereçou ao discípulo Idomeneu quando estava prestes a morrer:

Neste dia feliz, que é também o último dia de minha vida, escrevo-te esta carta. As dores contínuas resultantes da estrangúria e da disenteria são tão fortes que nada pode aumentá-las. Minha alma, entretanto, resiste a todos esses males, alegre ao relembrar os nossos colóquios passados⁷

Enquanto sofria por *dores* agudas causadas pela eliminação lenta de urina resultante de um espasmo visical, além de uma disenteria, Epicuro permanecia *feliz*, pois a lembrança dos agradáveis colóquios com Idomeneu lhe proporcionava um *prazer* capaz de suprimir essas *dores*. A rememoração de *prazeres* já vivenciados não apenas produz um estado de contentamento semelhante a um *prazer* que se dá no presente, mas também é capaz de suprimir o sofrimento causado pelas *dores*. Através do relato de Laércio, vemos que a compreensão epicurista de *prazer* não se limita a eventos momentâneos de contentamento, como pensava Aristipo, uma vez que o *prazer* epicurista se prolonga através de nosso pensamento, mantendo a *felicidade* do sábio.

⁷ *Ibid.*, 22.

A Hierarquia dos Desejos

Na análise realizada anteriormente, vimos que Epicuro concebe o *prazer* como um bem, mas, contudo, prioriza a busca pelos *prazeres* que proporcionam um equilíbrio no corpo e na alma. Na carta endereçada ao discípulo Meneceu, encontramos uma justificativa para a criação dessa hierarquia dos desejos:

Já que o prazer é nosso bem primordial e congênito, também por causa dele não escolhemos qualquer prazer, mas às vezes passamos sobre muito prazeres, quando são seguidos por um aborrecimento maior; e consideramos muitos sofrimentos superiores aos prazeres, quando a submissão ao sofrimento por um longo período nos traz como consequência um prazer [...] Convém então discriminar todas essas coisas com o cálculo daquilo que é útil e a ponderação daquilo que é prejudicial.⁸

Todo *prazer* é o bem, mas, convém calcular (*logismós*) de maneira ponderada (prudente - *phrónesis*) o que é útil e o prejudicial, uma vez que certos *prazeres* são seguidos por aborrecimentos maiores e a submissão a certos sofrimentos nos trazem grandes *prazeres* como consequência. O *logismós* e a *phrónesis* se apresentam com a finalidade de auxiliar o sábio no seu julgamento sobre quais os melhores prazeres a serem buscados. Quando tratamos sobre a *Kanoniká* do Jardim, vimos que o *logismós* está relacionado ao modo como o nosso pensamento é elaborado a partir das informações, que se encontram em nossa memória, sobre o mundo sensível. Desse modo, vejamos qual a relação entre o *logismós* e a *phrónesis*, tendo como base o trecho a seguir da *Carta a Meneceu*: “o que a filosofia tem de mais precioso é a sabedoria (*phrónesis*), da qual provém todas as outras virtudes, pois elas nos ensinam que não é possível viver com prazer sem viver com sabedoria (*phrónesis*)⁹”

Para Epicuro, não é possível viver com prazer sem a *phrónesis*, já que a mesma é o que a filosofia tem de mais precioso. Para que se tornasse claro o sentido do termo *phrónesis* para os epicuristas, propositalmente optamos em apresentar uma tradução, do grego para o português, onde *phónesis* aparecesse como *sabedoria*, uma vez que o mestre do Jardim apresenta este termo para denominar um tipo de saber, um saber que

⁸ D.L. X, 129-130.

⁹ *Ibid.*, 130.

é prático. A *prudência* é uma “sabedoria prática” na medida que torna o ato de filosofar um exercício que nos ensina a buscar os melhores *prazeres*, isto é, um exercício para o bem viver. Assim, se torna mais compreensível a relação estabelecida entre o *logismós* e a *phónesis*, já que ambos têm a função de direcionar a busca pela realização dos nossos desejos. Vejamos como Epicuro hierarquiza os desejos:

Devemos também ter em mente que alguns desejos são naturais, e outros são infundados. Dos naturais alguns são necessários, e outros são apenas naturais; dos necessários alguns são necessários à felicidade, outros à tranquilidade sem perturbações no corpo, e outros à própria vida.

Um entendimento correto desta teoria permitir-nos-á dirigir toda escolha em vistas à saúde do corpo e à tranquilidade perfeita da alma, pois isto é a realização suprema da vida feliz¹⁰

Epicuro estabelece uma hierarquia dos desejos composta por três níveis: no nível 1 (o mais alto), os *desejos naturais e necessários*; no nível 2, os *desejos naturais não necessários* e no nível 3, os *desejos não naturais e não necessários*. O entendimento desta hierarquia permitirá ao sábio direcionar sua busca aos prazeres que proporcionam o equilíbrio no corpo e na alma, uma vez que tais prazeres proporcionam uma vida feliz. Passaremos para a análise de cada um dos níveis da hierarquia dos desejos, isto é, os *desejos naturais e necessários*, os *desejos naturais não necessários* e os *desejos não naturais e não necessários*.

Nível 1 – *desejos naturais e necessários* (*physikái kai anagkâiai*)

A *Ethiká* do Jardim é baseada na busca pelo equilíbrio e a harmonia com a *Natureza* e, como para Epicuro, “[...] tudo que é natural pode ser facilmente satisfeito¹¹”, os *desejos naturais e necessários* tem por característica a simplicidade, como podemos ver nessa citação: “Tenho prazer físico quando me alimento de pão e água e desprezo os prazeres, não por si mesmos, mas pelos sofrimentos que se seguem¹²”. Uma dieta simples, a base de pão e água, é capaz de reestabelecer e manter a saúde do *corpo*, uma vez

¹⁰D.L.X, 127-128.

¹¹*Ibid.*, 130.

¹²ESTOBEU, Floril., XVII, 34.

que não nos causa sofrimentos. Esta dieta também contribui para a saúde da *alma*, já que o *corpo* (*sarkós*) e a *alma* (*psyché*) estão diretamente ligados. Assim, os *desejos naturais e necessários* proporcionam um prazer que satisfaz o homem por completo, através do alívio da *aponía* e da *ataraxía*.

Nível 2 – desejos naturais e não necessários

Em um comentário de Laércio à Máxima Principal XXIX, encontramos a seguinte descrição sobre esses desejos: “naturais e não necessários são os desejos que simplesmente fazem variar o prazer, sem remover o sofrimento, como alimentos suntuosamente preparados¹³”. Sabemos, por experiência própria, que todo homem deseja para além de suas necessidades, porém, “convém então discriminar todas essas coisas com o cálculo daquilo que é conveniente e a ponderação daquilo que é prejudicial¹⁴”. Quando desejamos para além do necessário, às vezes desequilibramos o nosso *corpo*, o que nos causa sofrimentos. Tanto o excesso como a carência pode resultar em perturbações, uma vez que se afasta da nossa real natureza, o equilíbrio. Deste modo, o cálculo prudente dos desejos é essencial para que nos afastemos todos os *desejos naturais não necessários* que podem nos causar sofrimentos.

Nível 3 – desejos não naturais e não necessários

Finalmente, chegamos ao nível inferior da hierarquia dos desejos construída por Epicuro, os *desejos não naturais e não necessários*. Mais uma vez, Laércio nos apresenta uma explicação sobre tais desejos: “nem naturais nem necessários são os desejos por coroas e ereção de estátuas em honra da própria pessoa¹⁵”. Tais desejos são representados por coisas (como o luxo, opiniões vazias e honras) que, apesar de serem idealizadas por boa parte da sociedade, trazem consigo sofrimentos maiores. Todo *desejo não natural* é considerado insensato, uma vez que não é capaz de suprimir nossas necessidades, restabelecendo e mantendo o equilíbrio proporciona a *aponía* e a *ataraxía*. Essa hierarquia dos desejos tem como propósito direcionar a busca do sábio à vida feliz.

¹³D.L. X, 149.

¹⁴*Ibid.*, 130.

¹⁵*Ibid.*, 149.

O Sábio

Através dos estudos sobre o *prazer* e a hierarquia dos desejos, procuramos apresentar como a investigação sobre os objetos que compõem a realidade repercutem na busca pelo bem viver. Para facilitar a memorização destes ensinamentos, Filodemo os resumiu em quatro sentenças: "Não há nada a temer em relação aos deuses. Não há nada a temer em relação à morte. O prazer é de fácil aquisição. A dor é passível de ser suportada¹⁶". Textualmente, essas sentenças podem ser encontradas nas quatro primeiras máximas do mestre do Jardim:

1- "Não há nada a temer em relação aos deuses"

"O ser bem-aventurado e eterno não tem perturbações nem perturba outro ser; por isso é imune a movimentos de ira ou de gratidão, pois todo movimento desse tipo implica fraqueza.¹⁷". É insensato temer os *deuses*, pois seres bem-aventurados e perfeitos não sofrem e tampouco perturbam outros seres, uma vez que sentimentos como ira e gratidão são sinônimos de fraqueza.

2- "Não há nada a temer em relação à morte"

"A morte não é nada para nós, pois o que se decompõe é insensível, e o que é insensível nada é para nós.¹⁸". Não passamos pela experiência da *morte*, já que a mesma é privada de qualquer tipo de *sensação*.

3- "O prazer é de fácil aquisição"

"A magnitude do prazer atinge seu limite na remoção de todo o sofrimento. Quando o prazer está presente, durante todo o tempo em que ele permanece não há dor nem no corpo nem na alma, nem nos dois.¹⁹" É possível alcançar o *prazer* (a *felicidade*), pois alcançamos este estágio quando removemos todas as dores e perturbações que nos afligem.

¹⁶ Frag. Usener n°18, referido no vol. I da *Segunda coleção de Herculanium apud* SILVA. 2003, p. 80.

¹⁷ D.L. X, 139.

¹⁸ D.L.X, 139.

¹⁹ *Idem*.

4- "A dor é passível de ser suportada"

"Uma dor contínua não dura muito tempo na carne; ao contrário, quanto mais aguda é a dor, menor é a sua duração, e também se por sua intensidade ela vencer o prazer, não dura muitos dias na carne.²⁰" As dores não impedem a nossa imperturbabilidade, pois podemos suportar as brandas e as dores agudas não persistem por muito tempo.

Este resumo, denominado de *tetraphármakon* (*quádruplo remédio*), atua como uma *terapia* (*medicamento*) para a *alma*, promovendo o equilíbrio que conduz à vida feliz. O *medicamento* epicurista não é direcionado a um segmento em especial da sociedade, tampouco a uma determinada faixa etária, como podemos ver no início da *Carta a Meneceu*:

Nenhum jovem deve demorar a filosofar, e nenhum velho deve parar de filosofar, pois nunca é cedo demais ou tarde demais para a saúde da alma. Afirmar que a hora de filosofar ainda não chegou ou já passou é a mesma coisa que dizer que a hora da felicidade ainda não chegou ou passou; devemos, portanto, filosofar na juventude e na velhice para que enquanto envelhecemos continuemos a ser jovens nas boas coisas mediante a agradável recordação do passado, e para que ainda jovens sejamos ao mesmo tempo velhos, graças ao destemor diante do porvir.²¹

Não existe uma idade específica para se filosofar, pois a saúde da alma deve ser buscada ao longo de toda vida. Na juventude, época em que somos mais facilmente oprimidos por crenças vãs e atraídos por *desejos naturais e não necessários* e *desejos não naturais e não necessários*, o *logismós* e a *phrónesis*, ambos características da filosofia, são fundamentais para dissipar nossos temores e direcionar nossa busca pelo *prazer*. Em contra partida, na velhice, filosofamos ao lembrar dos agradáveis momentos que vivenciamos na juventude, com o objetivo de suprimirmos as *dores* que nos afligem no presente. Em qualquer fase da vida, a filosofia liberta o homem e a mulher também. Nos relatos de Laércio, vemos que muitas cortesãs viviam no Jardim²², provando que o convite ao

²⁰ *Idem.*

²¹ D.L.X, 122.

²² *Ibid.*, 7.

ato de filosofar alcançava a todos os membros da sociedade. Independente do gênero ou da idade, a filosofia é capaz de libertar o ser humano, o tornando dotado de *autárkeia*.

A *autárkeia* (*autossuficiência*) é a capacidade de agir segundo sua própria vontade, em busca de uma vida independente das necessidades supérfluas. Isso explica a associação feita por Epicuro com o movimento atômico de *declinação*, que permite o átomo de se desviar de sua trajetória. O epicurista possui a liberdade necessária para agir segundo sua própria vontade, não sendo dominado por desejos associados ao excesso e a falta, tampouco necessitando de outra pessoa para suprimir suas necessidades, pois reconhece que o verdadeiro prazer é fácil de ser alcançado. É neste contexto que “O sábio não deve, pois, ocupar-se da política²³”. O epicurista recusa o convívio na *pólis*, uma vez que não é possível obter a *ataraxía* em um meio permeado por acordos e convenções baseados em desejos que se distanciam da vida de acordo com a Natureza (*katá phýsin*). Esta valorização da *autárkeia*, em detrimento da vida pública, não deve ser encarada como um incentivo à solidão. Assim como cada átomo se une com seus semelhantes para formarem um *corpo composto*, o Jardim tem sua origem na união do sábio com os seus semelhantes, isto é, *amizade* entre pessoas que entendem a *ataraxía* como o sinônimo da vida feliz.

A *philía* (*amizade*) representa uma forma voluntária e prazerosa de viver em equilíbrio e conviver harmonicamente com o outro. Para Epicuro: “Toda amizade deve ser buscada por ela mesma, mesmo que ela tenha sua origem na necessidade de ajuda²⁴”. Epicuro não reduz a *amizade* ao utilitarismo, mas não nega a importância de se buscar a sua manutenção. Por se basear em uma relação isenta de sentimentos como ira, ódio e veneração, a *amizade* representa uma união equilibrada, o que justifica a busca por sua manutenção.

O sábio epicurista não possui uma idade específica, tampouco gênero. Não precisa ser rico, uma vez que os melhores prazeres são fáceis de serem obtidos. Ser epicurista significa buscar uma vida pautada no equilíbrio e na harmonia com a natureza.

²³ USENER. 327, 8 *apud* SILVA. 2003, p.89.

²⁴ *Sentenças Vaticanas*, 23.

Inevitavelmente ele buscará afastar-se da vida pública, pois a sociedade é regida por convenções baseadas em desejos que se distanciam do natural, o que poderá impedir o sábio de exercer sua busca autossuficiente em direção à ausência de *dor* no corpo (*aponía*) e perturbação na alma (*ataraxía*). Porém, mesmo afastado da *pólis*, o epicurista não viverá na solidão, uma vez que sentirá prazer ao se relacionar com pessoas semelhantes a si mesmo. E com seus amigos irá meditar e colocar em prática os ensinamentos do mestre do Jardim, vivendo “como um deus entre os homens, pois nada se assemelha a uma criatura mortal o homem que vive entre bens imortais²⁵”, isto é, o verdadeiro *prazer*, a *felicidade*.

²⁵ D.L. X, 135.

Referências

BRUN, J. **O Epicurismo**. Lisboa: Ed. 70, 1989.

CARTLEDGE, Paul. **Demócrito: Demócrito e apolítica atomista**. Trad. Angelika Elisabeth Köhnke. São Paulo: Unesp, 2001.

DUVERNOY, Jean-François. **O Epicurismo e sua tradição antiga**. Trad. Lucy Magalhães, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993.

FIOL, E. V. **Lucrecio**. Barcelona: Labor, 1949.

GIGANTE, A. e MOREL, P.-M. (organizadores). **Ler Epicuro e os epicuristas**. Trad. Ivan Domingues, Juvenal Savian, Marcelo Perine, Mario A. G. Porta e Rogério Miranda de Almeida. São Paulo: Loyola, 2011.

HADOT, Pierre. **O que é a filosofia antiga?**. Trad. Dion Davi Marcedo. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. **Exercices spirituels et philosophie antique**. Prefácio de Arnold I. Davidson. Nova edição, revista e aumentada. Paris: Albin Michel, 2002.

LAËRTIOS, Diógenes. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Trad. Mário da Gama Kury. 2. ed. Brasília: UNB, 1997.

LUCRÉCIO, Tito Caro. **Da Natureza**. Trad. Agostinho da Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores)

MARX, K. **Diferença entre as filosofias da Natureza em Demócrito e Epicuro**. São Paulo: Global, s.d.

MONDOLFO, Rodolfo. **Moralistas griegos: La conciencia moral, de Homero a Epicuro**. Traducio del italiano: Oberdan Caletti. Buenos Aires: Iman, 1941.

SILVA, Markus Figueira da. **Epicuro: Sabedoria e Jardim**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

ULLMANN, Reinhold. **Epicuro: o filósofo da alegria**. Porto Alegre: Edipucrs, 1989.